

DEUS HOSPITALIDADE: A TRINDADE COMO IMAGEM VERDADEIRA DE ACOLHIDA E RELAÇÃO✓

328

Emerson Assis BRAZ¹
Paulo Roberto GOMES²

✓ Artigo recebido em 30 de março de 2017 e aprovado em 21 de abril de 2017.

¹ Graduando em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. E-mail: <emersondeassis@hotmail.com>

² Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professor do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <probortomsc@gmail.com>

**DEUS HOSPITALIDADE:
A TRINDADE COMO IMAGEM
VERDADEIRA DE ACOLHIDA E
RELAÇÃO**

**GOD HOSPITALITY:
THE TRINITY AS A WELCOMED AND
RELATIONSHIP TRUE IMAGE**

RESUMO

Considerando que a Trindade é a fonte e identidade do Cristianismo, este artigo tem por objetivo reconhecer o Deus revelado em Jesus pela hospitalidade, tão presente na sociedade semita e tão urgente na atualidade. As primícias da autocomunicação dos divinos três são: a acolhida e a relação, tanto intratrinitária como abertura em si para a criação. A partir dessas perspectivas, entende-se que a hospitalidade é parte constitutiva da vida do cristão, de modo que seu fundamento está alicerçado no Deus de comunhão e nas principais narrativas bíblicas. O convite à hospitalidade, se for vivido de forma autêntica, humaniza o ser humano alargando seu coração para o amor. Além de fazer emergir outro mundo, derrubando todo e qualquer muro de hostilidade e indiferença dando acesso à paz. Destarte, o presente trabalho interessa-se em oferecer uma reflexão que aproxime o ser humano ainda mais de Deus, a partir da relação com outro.

Palavras-chave: Trindade. Hospitalidade. Acolhida. Relação.

ABSTRACT

Since the Trinity is the source and the identity of Christianity, this article aims to recognize the God revealed by Jesus in the hospitality, so present in the Semitic society and so urgent in the present time. The first fruits of the communication of the divine thinity are: the acceptance and the relationship, both intratrinitarian and its opening of itself for creation. From these perspectives, it is understood that hospitality is a constitutive part of the life of the Christian, so that its foundation is based on the God of communion and the main biblical narratives. The invitation to hospitality if lived authentically humanizes the human being, extending his or her heart to love, as well as bringing another world to the surface, overcoming every wall of hostility and indifference giving access to peace. Thus, the present work is interested in offering a reflection that brings the human being even closer to God, through the relationship with another.

Keywords: Trinity. Hospitality. Acceptance. Relationship.

1 INTRODUÇÃO

Deus-Hospitalidade é sinônimo de casa aberta, com espaço sempre alargado em seu interior para acolher a humanidade. Deste modo, a hospitalidade se encontra no nível do ser, porque trata daquilo que é experiência existencial. Atribuir essa dádiva de sensibilidade a Deus só é possível porque o Deus dos cristãos é triúno. A relação intratrinitária é ensinamento para a humanidade, na medida em que se relaciona na liberdade e no amor. A comunidade dos Divinos Três é imagem verdadeira de hospitalidade, porque em sua liberdade acolhe e no seu amor se relaciona entre si e com a humanidade.

A hospitalidade é uma das regras mais arcaicas da formação do direito, junto à contenção da violência e do cuidado para com os mortos. As sociedades coetâneas marcadas fortemente por guerras, barbáries e narcisismos proclamam que essa regra tão antiga, deve assumir nos tempos atuais, novo vigor como imperativo humano. Assumir esse modo de ser é ir além de tudo o que há neste mundo, pois na fragilidade e vulnerabilidade de quem chega, a hospitalidade da transcendência humana esbarra-se com a da transcendência divina.

Deseja-se então, por meio deste artigo, refletir sobre a autocomunicação da Trindade sob o tema da hospitalidade, em primeiro lugar pensando o Ser mesmo de Deus, enquanto unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e por ser três pessoas refletir sua relação. Em segundo lugar, inclinar sobre as narrativas bíblicas que são lições de hospitalidade, desde seu despontar até o anoitecer. Em última análise ressignificar este tema nos tempos atuais, enfocando a comunidade cristã, como lugar privilegiado para assumir a hospitalidade como projeto de vida em Deus.

2 DEUS HOSPITALIDADE

A fé cristã reconhece sob o nome de Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Essa é uma verdade no Cristianismo e fonte original no Deus revelado em Jesus. Assim sendo, para o teólogo Leonardo Boff, no princípio está “a comunhão das três divinas Pessoas” (1987, p. 21), indicando que a comunhão gerada pela correlação,

interpenetração e amor é parte constitutiva desse Deus que é essencialmente relação, por isso, é comunidade.

Segundo Jürgen Moltmann, para se entender a vida da Trindade, faz-se necessário compreendê-la a partir de três conceitos: pessoa, relação e história. Por pessoa entende-se que os divinos Três existem em relação, pois a natureza divina lhes é comum, mas a individualidade de cada pessoa é determinada pelos seus relacionamentos recíprocos. Nas relações cada pessoa divina existe em sua individualidade característica: como Pai, como Filho e como Espírito, e por essas relações são definidas. Cada pessoa da Trindade designa uma existência inconfundível, própria e não volúvel. A relação indica que cada pessoa divina existe pelas outras e nas outras e nelas encontram a sua existência e a sua alegria. O último conceito como sendo história de Deus, quer dizer uma paixão de Deus pelo seu outro, do sofrimento de Deus, bem como da alegria de Deus, pode-se verificar no seio da própria Trindade (MOLTMANN, 2011).

Assim entendido, as pessoas não subsistem apenas na comum natureza divina, mas existem igualmente nas suas relações com as outras pessoas. Isso porque, a unidade trinitária é pericorética³ e de comunhão. O Pai existe no Filho, o Filho existe no Pai, e ambos existem no Espírito, como igualmente o Espírito existe no Pai e no Filho. Há nessa relação trinitária uma moradia compartilhada. Nesse sentido, a unidade dos divinos três é o que constitui sua verdadeira liberdade. Tal unidade não se baseia na soberania divina única, mas sim na comunhão da sua trindade.

A Trindade é mistério de inclusão, porque fala de diversidade dos Divinos Três. Concomitantemente, a união dessa diversidade, através da “comunhão dos Diversos pela qual Eles estão uns nos outros, com os outros, pelos outros e para os outros” (BOFF, 1987, p. 13). Ora, tal acolhida e participação da vida do outro é a tradução mais próxima do termo hospitalidade. Assim, o Deus dos cristãos, é essencialmente o Deus Hospitalidade porque a distinção existente em si é para a união e por ser uma realidade aberta, este Deus inclui também outras diferenças.

³ O termo *pericorese* significa: “as pessoas se interpenetram umas às outras e este processo de comunhão constitui a própria natureza da Pessoa” (BOFF, 1987, p. 171).

Noutros termos, o Deus que em si é Hospitalidade se abre para acolher o universo criado.

“Deus é amor” (1Jo 4,16), essa expressão chave é fundamento para entender um Deus que quer se abrir ao ser criado. Tal conceituação de Deus tem eco na doutrina sobre A Trindade de Agostinho que dizia: “Se vês o amor, vês a trindade: Pois a amante, o amado e o amor, são três” (AGOSTINHO, 1995 apud MOLTSMANN, 2011, p. 71). O amor é o bem que se comunica desde toda eternidade. É próprio de Deus decidir-se por se autocomunicar, sair de si, pois o amor encontra abrigo e efetivação, não em Deus mesmo, mas na hospedagem onde se há necessidade desse amor. Para Moltmann “Deus *necessita* do mundo e do homem. Se Deus é amor, então Ele não quer e nem pode ficar sem aqueles que ama” (MOLTSMANN, 2011, p. 72, grifo do autor). Por meio da lógica do amor a lei é ser um no outro, com o outro e para o outro.

Entender a vida divina pericoreticamente significa o mesmo que entender o avesso a soberania, a hostilidade e a indiferença. Na verdade, pensar no Deus Hospitalidade é pensar na liberdade da Trindade que procede da linguagem comunhão. Nesse sentido, livre possui a mesma raiz etimológica de amigável, que significa com-sentir⁴ com aquele que é outro do mesmo, não outro do eu, por isso querido, propenso a, alegrar. “A palavra alemã *gastfrei* (hospitaleiro) guarda ainda hoje esse sentido [...] Essa liberdade consiste na participação mútua e comum na vida e na comunhão, sem suserania e sem vassalagem” (MOLTSMANN, 2011, p. 70). Portanto, só se pode acolher o outro quem de fato é livre e é amor. Deus em sua essência é infinitamente livre, porque ao invés de se sobrepor sobre as pessoas, Ele se relaciona infinitamente e com infinidades de pessoas.

Entendendo a relação intratrinitária, se torna compreensível o porquê de Deus incitar no homem a sua humanidade, que acontece no seu ápice na acolhida do semelhante. O medo do estrangeiro, desconhecido e diferente é uma realidade humana, pois o outro espera no eu a acolhida, a hospitalidade. No entanto, o ser

⁴ Giorgio Agamben em seu ensaio **O Amigo** (2010) é um dos filósofos que trabalha a palavra com-sentir, esta que é estabelecida numa relação de alteridade entre diversos. Segundo ele: “no ponto em que eu percebo a minha existência como doce, a minha sensação é atravessada por um com-sentir que a desloca e deporta para o amigo, para o outro mesmo” (AGAMBEN, 2010, p. 90).

humano é instigado a ser verdadeiramente livre, à semelhança da Trindade, quando se encontra face-a-face com o outro que clama por hospedagem. Isso porque, se existe uma atitude que deve ser revisitada em sua profundidade original é a hospitalidade, pois sendo um dos termos bíblicos de grande relevância, a Palavra de Deus guarda o direito do outro concomitantemente as dádivas que ele oferece para a relação.

Na filosofia de Emmanuel Levinas, a hospitalidade é um termo caro. Ele entende a ética como metafísica, porque ela se volta para o outro, “como um movimento que parte de um mundo que nos é familiar, de uma *nossa casa* que habitamos, para um fora-de-si estrangeiro, para um além” (LEVINAS, 1980, p. 21, grifo do autor). Para o filósofo, hospitalidade é uma disposição irrestrita para aquilo que irá receber do outro, por isso para vivê-la de forma autêntica é preciso levar adiante dois termos que a traduzem e a precedem, que são: a **atenção** e o **acolhimento** ao outro (DERRIDA, 2004). Nesse movimento se possibilita entender que o primeiro a aceitar o outro, não é quem o hospeda, mas o hóspede que mesmo em sua indigência se decide clamar por hospitalidade.

À vista disso, o rosto de Deus tem por nome hospitalidade, pois ao decidir-se pelo humano já o tinha acolhido em si. Deste modo, compreende-se que a hospitalidade, para além de um espaço físico, acontece primeiro no nível do ser, pois é uma experiência fundamentalmente existencial. Acolher o outro é assumir um novo estilo de convivência, pois o hóspede normalmente é promessa de bênção, uma abertura ao futuro, pois é encontrar Deus no diferente: “era forasteiro e me acolhestes” (Mt 25,35b). Deste modo, a humanidade assemelhar-se-á a Deus, que realiza a sua liberdade no “seu maravilhoso amor, sua abertura, o seu vir-ao-encontro, por meio dos quais ele sofre com os seus homens amados, intervém em seu favor, abrindo-lhes, assim, o futuro” (MOLTMANN, 2011, p. 70).

3 DEUS HÓSPEDE: PERMANECE CONOSCO SENHOR

A tradição bíblica é eminentemente marcada pela hospitalidade. Isso porque, o desconhecido, em sua indigência passa e pede pela hospedagem que lhe falta (Pv 27,8). O estrangeiro constitui-se um elemento fundamental na história bíblica, pois:

lembra em primeiro lugar a Israel, sua condição passada de estrangeiro escravizado (Lv 19,33s; cf. At 7,6), em seguida a sua condição presente de viandante sobre a terra (Sl 39,13; cf Hb 11,13;13,14). Esse hóspede tem pois necessidade de ser acolhido e tratado com amor, em nome de Deus que o ama (Dt 10,18s). Não se recusará diante dos maiores sacrifícios para defendê-lo (Gn 19,8; Jz 19,23s); não se hesitará em incomodar às necessidades dum hóspede inesperado (Lc 11,5s). Esse acolhimento solícito e religioso, de que Abraão continua a ser protótipo (18,2-8) e de que Jó se gloria (Jó 31,31s) e cujas delicadezas Cristo enaltece (Lc 7,44s), manifesta a caridade fraterna que o cristão deve exercer para com todos (Rm 12,13; 13,8) (LÉON-DUFOUR, 1977, p. 414).

334

Igualmente se dá a comunicação da Trindade a humanidade. O Deus amor, hospitalidade, revela-se como hóspede, em seu grande êxodo. A teologia dessa Comunidade de Amor é a teologia da *Shekinah*, essa ideia abrange três aspectos essenciais, são eles: “a efetiva habitação do Senhor no meio de Israel, a modo de *condescendência* do eterno, e o *prenúncio* da glória daquele que há de vir” (MOLTMANN, 2011, p. 41). Percebe-se então um Deus que ao sofrer com o seu povo se decide em saída por ele, como expressa o evangelista João: “e o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (Jo 1,14a). Igualmente acontece com o Espírito Santo que em Romanos se diz que: “o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5b), que na interpretação da Tradição da Igreja, o denomina como “doce hóspede da alma” (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 1994, p. 228).

Cada pessoa humana é morada do Deus hóspede, pois a Trindade divina inabita⁵ no ser humano. Assim sendo, quando se pensa no provérbio eslavo de que

⁵ Inabitação “traduz a ideia da presença amorosa de Deus, do intenso e vivificante estar de Deus na pessoa humana. Constitui a forma de presença mais profunda no sentido da personalização da relação de Deus com o ser humano no mundo. O conceito teológico de Inabitação enuncia o modo específico do cristão se relacionar com a Trindade. É a presença de Deus Pai, Filho e Espírito Santo no crente (GUARNIERI, 2012, p. 12).

receber o hóspede é ter Deus em casa, carrega em si uma densidade de sentido indicando que: “o hóspede, o estranho, traz Deus consigo, mas também quem o recebe, com este gesto de acolhida, oferece Deus ao hóspede” (SUSIN, 2013, p. 8). Isso porque, como já é de conhecimento Deus é abertura e relação, ou seja, a Trindade é em si acolhida que ao mesmo tempo se decide pelo outro. Hospitalidade que acolhe, Hóspede que faz morada. Isso porque, a capacidade da Trindade de autocomunicar-se não neutraliza a sua autodistinção, ao contrário a afirma.

Por meio deste tema, encontra-se nos escritos veterotestamentários a figura fundadora da tradição bíblica, que é Abraão como o lugar clássico da sua constituição hospitaleira. Trata-se da narrativa em que três peregrinos se aproximam de sua tenda e são acolhidos com ansiedade incontida e generosidade manifesta (cf Gn 18). No texto Abraão se prostra, como aquele que adora, e faz um convite de hospitalidade: “Meu senhor, eu te peço, se encontrei graça a teus olhos, não passes junto de teu servo sem te deteres” (Gn 18,3). Tal relato é importante para o Cristianismo, pois os três peregrinos são interpretados como uma pré-figuração da Trindade. Importante destacar que no primeiro momento Abraão vê três pessoas, mas na sequência do relato se relaciona com um, “o hóspede” (Gn 18,10). Esta cena é reproduzida em ícone pelo pintor Andrey Rublev e é uma imagem verdadeira mais celebrada e reverenciada nesta releitura cristã (SUSIN, 2013).

Ora, no relato os peregrinos manifestam a Abraão o que eles vieram fazer, anunciar a Sodoma e Gomorra sua destruição por causa de sua abominação. Luiz Carlos Susin, em seu artigo Deus Hóspede: Hospitalidade e Transcendência descreve o motivo que se deve a abominação destas cidades:

Estamos habituados ao clichê da violência sexual, especialmente homossexual, a *sodomia*. Mas a própria narrativa, sem excluir o papel da violência sexual, diz muito mais, em contraste com a hospitalidade de Abraão: os peregrinos colocam à prova a hospitalidade e são mal recebidos pela cidade, que quer se aproveitar dos forasteiros para torna-los suas vítimas expiatórias, usá-los para descarregar neles a sua hostilidade, na forma de violência sexual. *Este é o pecado central de Sodoma e Gomorra: a sua hostilidade ao invés da hospitalidade* (SUSIN, 2013, p. 14, grifo do autor).

Assim, entre a hospitalidade de Abraão e a hostilidade das cidades de Sodoma e Gomorra estão os três peregrinos, que atribuem tal inimizade, oposição e

resistência como que a morte em si mesma. O intérprete por excelência desta narrativa é o próprio Jesus quando anuncia para as cidades de Cafarnaum, Corazim e Betsaida e para as cidades que não acolhem os enviados divinos um destino mais nefasto do que Sodoma e Gomorra (SUSIN, 2013). Isso porque não foram hospitaleiras para com a visita que as podia salvar (cf. Mt 11,20ss; Lc 10,12ss). Nas palavras de Jesus, “quem vos ouve a mim ouve, quem vos despreza a mim despreza, e quem me despreza, despreza aquele que me enviou” (Lc 10,16). Assim, para Jesus, como para os três peregrinos, a hostilidade é a destruição em si, pois a rejeição do hóspede é a rejeição da Trindade. Já a hospitalidade tem valor moral, sendo caminho para a salvação, pois quem recebe, abre espaço para o outro e para Deus que inabita nele.

A vida dos nômades e das antigas civilizações sedentárias são lições que expressam a grande importância da hospitalidade, pois “a visita de um estranho podia ter uma importância vital; o forasteiro vem de outro mundo e pode dar informações sobre ele” (CORREIA, 2014, p. 228). Nesse sentido, a narrativa de tradição abraâmica tem eco na dos discípulos de Emaús, pois reforçam de forma singular que toda autocomunicação da Trindade é um dito para a humanidade que seu mundo é essencialmente acolhida e relação.

À vista disso cabe uma reflexão sobre a narrativa de Emaús, que apresenta uma primorosa experiência de hospitalidade. No relato o próprio Jesus, se põe a caminhar com os discípulos desanimados que ajuízam ser ele um forasteiro desatualizado. No caminho, depois de escutar com atenção as suas desesperanças, o estranho peregrino lhes dirige uma palavra que interpreta os acontecimentos que aquecem os seus corações e devolve-lhes o mistério dos fatos. Quando Jesus mostra-se afastando, eles lhes fazem um convite de hospitalidade: “permaneça conosco, pois cai à tarde e o dia já declina” (Lc 24,29). Na familiaridade da casa, sentados à mesa, há uma transcendência no rito da hospitalidade, pois sendo hóspede, Jesus se coloca como Senhor, dono da casa, sendo o servo, e lhes prepara a mesa. O forasteiro é acolhido, no entanto, é ele quem acolhe ao tomar o pão, e “se acolher é reconhecer a dignidade do outro ou ajudá-lo a lutar por ela ou a reencontrá-la, é Jesus quem, em última instância, possibilita tal processo” (CORREIA, 2014, p. 204).

A mesa então é o lugar da hospitalidade em que hóspedes e anfitriões se distinguem se conhecendo e na singularidade podem oferecer o seu dom, aquilo que tem de mais caro. Jesus ao se tornar hospedeiro e tomar o pão, abençoá-lo e reparti-lo aos que o tinham convidado, oferecem-lhes o seu dom, seu presente e memorial. Ao abrir-lhe os olhos do reconhecimento, o hóspede se retira em sua reserva e mistério, entregando aos cristãos no *ágape* eucarístico a responsabilidade de ser toda pessoa humana hospitaleira por excelência (SUSIN, 2013).

Estas duas narrativas bíblicas se ligam pela hospitalidade e possibilitam o entendimento de como a Trindade abre-se aos homens para lhes devolver a sua humanidade, ou seja, sua dignidade de ser no mundo com os outros. Deste modo, o Deus que é Comunidade de Amor incita cada indivíduo a arrastar-se para fora de si, para que nas relações ele possa experimentar a sua verdadeira liberdade e a força transformadora do seu amor. Isso porque, acolher o outro não é um problema para a identidade, ao contrário, faz com que esta seja atualizada, reescrita e enriquecida. Em Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo se compreende bem essa ideia e se percebe que a hospitalidade em sua forma mais radical é a vivência plena do amor.

4 HOSPITALIDADE: VIDA DO CRISTÃO

Aprofundar-se no Mistério da Trindade faz com que o ser humano abra os olhos do reconhecimento e dilate o coração para o mistério que existe no outro. De certo, a Doutrina da Trindade fala mais do ser humano do que da Trindade em si, pois se sabe que, o que a Trindade é, é bem maior do que Ela se deu a revelar, isso quando se diz de Trindade econômica e imanente. No entanto, o que ela autocomunicou, é sem dúvida o que a humanidade necessita assumir para responder ao que foi chamado, que é ser imagem e semelhança da Trindade.

Ora, se a Trindade é Hospitalidade que acolhe e hóspede que se decide pelo outro, a vida de todo cristão, que evidentemente tem por fundamento de fé a Trindade, deve sem dúvida ser marcada pela acolhida e pela relação. Para tanto, faz-se necessário romper com qualquer alergia que se possa existir do outro, pois o acolhimento é pré-abertura para a relação. A palavra grega *xenos* expressa

naturalmente nos tempos atuais a xenofobia, que se traduz como medo do estrangeiro, mas antes de *xenos* designar o que é estrangeiro, designava hóspede. Nesta esteira, não há no estrangeiro um inimigo, mas há um hóspede que necessita ser acolhido.

Jacques Derrida em sua obra **Adeus a Emmanuel Lévinas** (2008) comenta os escritos de Lévinas sobre o tema da hospitalidade e entende que é no acolhimento que há uma orientação e direção para o outro. As diferenças marcariam a separação, mas não a negação do outro. Na verdade, só por existir tal separação que se pode acolher. Sem a negação, o outro se torna hóspede. Isso porque, “no acolhimento do outro, eu acolho o Altíssimo ao qual minha liberdade se subordina” (DERRIDA, 2008, p. 71). Assim, pode-se dizer que há um dever sagrado de hospitalidade.

As sociedades contemporâneas têm sido fortemente marcadas pela dominação, exclusão e extermínio. As guerras do século passado, os terrorismos e as grandes ou pequenas guerras deste século, movidos por um discurso xenofóbico, têm cultivado no humano tendências egoísticas e o distanciando do projeto do Reino de Deus. A fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo, ou seja, na Trindade, vem de encontro do que chamam de uma crise humanitária. Isso porque, na experiência deste Mistério há sim diversidades, mas que ao mesmo tempo estão em união.

Leonardo Boff entende que se Deus fosse um só, haveria isolamento e a centralização da unidade e unicidade, ou seja, dominação. Se Ele fosse dois, uma díade, haveria divisão, pois um é distinto do outro. Haveria exclusão, pois um não é o outro. Mas Deus é Trindade e por isso “evita a solidão, supera a separação e ultrapassa a exclusão” (BOFF, 1987, p. 13). Assim sendo, o ser da Trindade que é totalmente inclusão, comunhão, abertura e relação põe em questão as sociedades atuais que tendem a fechar-se em si mesmas. Nesse sentido, os cristãos devem resgatar a sua alma primeira, para ser testemunha atual de um Deus que é Hospitalidade.

À vista disso, a ética cristã vivida na experiência no amor de Deus, não é um sistema fechado, engessado, exclusivista, mas uma atitude hospitaleira, sempre renovada e aberta. Não há enriquecimento em relações similares, o enriquecimento se dá no surpreendente, naquele que não se conhece. Nesse sentido, o ser humano

que é hospitalidade é aquele que acolhe a graça que alarga o coração e deixa ser movido pelo sempre novo e maravilhoso. Assumir esta ética cristã é assumir outro modo de ser, em que pela “hospitalidade, a comunidade torna-se não apenas acolhedora, mas também fonte, consolação e cura” (CORREIA, 2014, p. 309).

Glorifica a Trindade, o cristão que assume a ética da hospitalidade que ao romper com todo e qualquer tipo de xenofobia se decide em se relacionar para além do seu *mundus*. A palavra conviver é um termo caro na atualidade, que precisa assumir no humano corporeidade, pois coexistir com outros indivíduos, outras religiões, povos, tribos, culturas e a própria natureza tem sido cada vez mais urgente e só nestes anais que haverá uma autêntica comunidade cristã. O modo de ser comunidade é que fará da humanidade reflexo da Trindade, recorda o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*. Aceitar o outro como outro e por isso diferente, deixando que ele seja, na “fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo” é saber descobrir Deus em cada ser humano. Acrescenta Francisco: “não deixemos que nos roubem a comunidade!” (EG n. 92).

De certo, a Trindade não é contemplação para responder à problemática humana. A revelação de Deus como Ele é, Pai, Filho e Espírito Santo em eterna correlação, interpenetração, amor e comunhão, faz no homem um movimento contrário, é para que o ser humano assuma sua essência, que é ser imagem e semelhança desse Deus. Sair desta chamada crise humanitária torna-se possível com aqueles que se decidiram por Deus e, por isso, se decidiram pelo outro e pelos outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de humanidade que há no encontro e na hospitalidade do estranho remete, então, ao título e à linha de pensamento deste texto, à dimensão teológica da hospitalidade que reflete como Deus se relaciona. Tudo isso evidencia a perfeição do seu amor. Decidir-se por um Deus triúno é abrir-se a revelação sincera de si mesmo. Assim, não há outro modo da humanidade ser aquém da hospitalidade, pois este termo é sinônimo de humanidade. Assumir o exercício da

hospitalidade, em todos os níveis da existência, faz insurgir outro mundo, pois derruba todo e qualquer muro de hostilidade e introduz a paz.

A atenção à palavra do outro e sua acolhida afeta o ser humano positivamente em sua individualidade e elimina o individualismo, abrindo-lhe as portas e janelas para uma surpreendente novidade. O estrangeiro, estranho, diverso, tem direitos no rito da hospitalidade como também tem deveres em sua reciprocidade, mas os ganhos advindos de sua presença não sobrevivem somente para ele e nele, mas acontece em quem o acolhe, pois o outro devolve ao mesmo a sua dignidade, responsabilidade e humanidade. Isso porque a primeira palavra muda que a presença do outro incita em quem o acolhe é o “não matarás”. Mesmo sendo uma construção negativa este mandamento é aproximação que elimina o distanciamento e receio do outro.

Contudo, para além de conclusões, estas linhas desejam ser ingresso para a reflexão que direciona os olhares para o mistério dos divinos três e o mistério dos seres humanos. O convite para a hospitalidade em tempos de barbáries, exclusão e divisão se faz urgente, pois é um confronto manifesto com a sociedade atual. Na verdade, o convite é para viver no Amor e viver para amar, pois o Amor é a hospitalidade vivida em sua forma mais autêntica.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O amigo. In: _____. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2010. p.78-92.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. **A trindade e a sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1987.

CORREIA, João Alberto Sousa. **A hospitalidade na construção da identidade cristã**: Uma leitura de Lc 24,13-35, em chave narrativa. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2014.

DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Levinas**. Tradução Fábio Landa. São Paulo: Perspectiva, 2008.

GUARNIERI, Irma. **O mistério da inabitação divina em Ir. Elisabete da Trindade**. (Dissertação) Mestrado em Teologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. 2ª Ed. São Paulo: Paulus/Loyola, 2014.

LÉON-DUFOUR. X., **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Tradução Frei Simão Voigt. Petrópolis: Vozes, 1977.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Tradução José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

MOLTMANN, Jürgen. **Trindade e reino de Deus**: Uma contribuição para a teologia. Tradução: Ivo Martinazzo. Petrópolis: Vozes, 2011.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Lecionário Dominical A-B-C**. São Paulo: Paulus, 1994.

SUSIN, Luiz Carlos. **Deus Hóspede**: Hospitalidade e transcendência. Santa Maria, 2013. Disponível em: <http://sites.unifra.br/thaumazein>. Acesso em: 20 jan. 2017.